

A SEMANA – 187*

29 de dezembro de 1895¹

À beira de um ano novo, e quase à beira de outro século, em que se ocupará esta triste semana? Pode ser que nem tu, nem eu, leitor amigo, vejamos a aurora do século próximo, nem talvez a do ano que vem. Para acabar o ano faltam trinta e seis horas, e em tão pouco tempo morre-se com facilidade, ainda sem estar enfermo. Tudo é que os dias estejam contados.

Algum haverá que nem precise tê-los contados; desconta-os a si mesmo, como² esse pobre Raul Pompeia, que deixou a vida inesperadamente, aos trinta e dois anos de idade.³ Sobravam-lhe talentos, não lhe faltavam aplausos nem justiça aos seus notáveis méritos. Estava na idade em que se pode e se trabalha muito. A política, é certo, veio ao seu caminho para lhe dar aquele rijo abraço que faz do descuidado transeunte ou do adventício⁴ namorado um amante perpétuo. A figura é manca; não diz esta outra parte

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXI, n. 363, p. 1, 29 dez. 1895), SEMMA (p. 283-287) e SEM1953 (v. 3, p. 70-76). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Em GN, faltam trechos ao pé das duas colunas em que vem a crônica (a página digitalizada está danificada, rasgada). Nesses locais, adotamos as lições de Aurélio Buarque de Holanda.

² A partir deste ponto, começa o trecho que falta em GN, na primeira coluna da crônica.

³ Raul Pompeia (12 abr. 1863 – 25 dez. 1895), que era “apaixonado e exaltado em todas as causas que abraçava, se tornou florianista ardoroso, fato que lhe granjeou muitas críticas. Com 25 anos, principiou a publicar na *Gazeta de Notícias* sua obra-prima: *O Ateneu*. [...] Em 1892, esteve a ponto de bater-se em duelo a espadas com Olavo Bilac [...]. Caluniado por Luís Murat, que o acusou de covardia, em artigo de jornal, por não ter duelado com Olavo Bilac e com a ideia fixa de que todos o achavam desonrado, escreveu o bilhete ao jornal: ‘À *Notícia* e ao Brasil, declaro que sou um homem de honra’. Pôs fim à vida, com tiro de revólver no coração, a 25 de dezembro de 1895”. (MENEZES, 1978, p. 542) A *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 361, p. 1, col. 5, 27 dez. 1895) assim se refere ao sepultamento do escritor: “Sepultou-se ontem, às 10 horas, no cemitério de S. João Batista, o inditoso Dr. Raul Pompeia [...]. / Acompanharam-no até à última morada, entre outros amigos, os Srs. Fernando Lobo, Furquim Werneck, Rangel Pestana, Araripe Júnior, Rodrigo Otávio, Lúcio de Mendonça, C. Costa, Edmundo Muniz Barreto, Érico Coelho, Alcindo Guanabara, Alfredo Madureira, Quintino e Félix Bocaiuva, Aarão Reis, João Andréa, Américo Moreira, Silveira Lobo, Max Fleiuss, Conrado e Olímpio Niemeyer, Pinheiro Guimarães e João Carlos de Carvalho.” Nesta crônica, mais adiante, Machado de Assis diz que “*amigo meu, que foi ao cemitério*, trouxe de lá a sensação da tranquilidade, quase da atração do lugar, mas não como lugar de mortos, senão de vivos.” (grifo nosso) Que amigo terá sido?

⁴ Aqui termina o trecho que falta em GN, na primeira coluna da crônica.

da verdade, – que Raul Pompeia não seguiu a política por sedução de um partido, mas por força de uma situação. Como a situação ia com o sentimento e o temperamento do homem, achou-se ele partidário exaltado e sincero, com as ilusões todas, – das quais se deve perder metade para fazer a viagem mais leve, – com as ilusões e os nervos.

Tal morte fez grande impressão. Daqueles mesmos que não comungavam com as suas ideias políticas, nenhum deixou de lhe fazer justiça à sinceridade. Eu conheci-o ainda no tempo das puras letras. Não o vi nas lutas abolicionistas de S. Paulo. Do *Ateneu*, que é o principal dos seus livros, ouvi alguns capítulos então inéditos, por iniciativa de um amigo comum. Raul era todo letras, todo poesia, todo Goncourts. Estes dois irmãos famosos tinham qualidades que se ajustavam aos talentos literários e psicológicos do nosso jovem patricio, que os adorava.⁵ Aquele livro era um eco do colégio, um feixe de reminiscências, que ele soubera evocar e traduzir na língua que lhe era familiar, tão vibrante e colorida, língua em que compôs os numerosos escritos da imprensa diária, nos quais o estilo respondia aos pensamentos.

A questão do suicídio não vem agora à tela. Este velho tema renasce sempre que um homem dá cabo de si, mas é logo enterrado com ele, para renascer com outro. Velha questão, velha dúvida. Não tornou agora à tela, porque o ato de Raul Pompeia incutiu em todos uma extraordinária sensação de assombro. A piedade veio realçar o ato, com aquela única lembrança do moribundo de dois minutos, pedindo à mãe que acudisse à irmã, vítima de uma crise nervosa. Que solução se dará ao velho tema? A melhor é ainda a do jovem Hamlet: *The rest is silence*.⁶

Mas deixemos a morte. A vida chama-nos. Um amigo meu, que foi ao cemitério, trouxe de lá a sensação da tranquilidade, quase da atração do lugar, mas não como lugar de mortos, senão de vivos. Naturalmente achou⁷ naquele ajuntamento de casas brancas e sossegadas uma imagem de vila interior. A capital é o contrário. A vida ruidosa chama-nos, leitor amigo, com os seus mil contos de réis da loteria que correu ontem na Bahia.

A ideia da agência geral, casa Camões & C., de expor na véspera o cheque dos mil contos de réis para ser entregue ao possuidor do bilhete a quem sair aquela soma, foi quase genial.⁸ Não bastava dizer ou escrever que o prêmio é de mil contos e que havia

⁵ Os irmãos Edmond Goncourt (1822-1896) e Jules Goncourt (1830-1870) eram escritores franceses, autores de romances, peças teatrais e estudos vários. Escreveram a quatro mãos uma espécie de “diário” com registro de memórias e impressões sobre arte e literatura. Ver ilustração ao final da crônica.

⁶ Palavras finais de Hamlet na peça homônima de Shakespeare (*Hamlet*, ato V, cena II): “O resto é o silêncio”. A citação é famosa e deve ter evocado no leitor da época a fala de Horácio, que vem em seguida: “Partiu-se agora um nobre coração. / Boa noite, doce príncipe. E que os anjos / Venham em coro lhe embalar o sono. / (*Soa marcha, fora.*) / Por que soam tambores nesta hora?” (SHAKESPEARE, 2017, p. 337-338.)

⁷ achou] –chou – em GN.

⁸ A *Gazeta de Notícias* do dia 27 dez. 1895 (ano XXI, n. 361, p. 1, col. 8) traz a seguinte notícia sobre este assunto: “CHEQUE DE 1.000:000\$000 / Já se acha exposto o cheque da quantia acima, na agência geral de Camões & C., para ser entregue ao feliz possuidor do bilhete da grande loteria da Bahia, cuja extração se realizará amanhã.”

de sair a alguém. A maior parte dos incrédulos que ali passavam – falo dos pobres – não acreditavam a possibilidade de que tais mil contos lhe⁹ saíssem a eles. Eram para eles uma soma vaga, incoercível, abstrata, que lhes fugiria sempre. A agência Camões & C. não esqueceu ainda os *Lusíadas*, decerto; há de lembrar-se da ilha dos Amores, quando os fortes navegantes dão com as ninfas nuas, e deitam a correr atrás delas. Sabe muito melhor que eu, que os rapazes, à força de correr, dão com elas no chão. A vitória foi certa e igual, e, sem que o poema traga a estatística dos moços e das moças, é sabido que ninguém perdeu na luta, tal qual sucede às loterias deste continente. Mas o pobre quando vê muita esmola, desconfia. Os mil contos eram uma só ninfa, que corria por todas as outras, e que ele não ousava crer que alcançasse, ainda recitando os afamados e doces versos da agência Camões & C.:

Oh! não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja da tua formosura!¹⁰

Dizer versos é uma coisa, e receber mil contos de réis é outra. Às vezes excluem-se. Quando, porém, os mil contos se lhe põem diante dos olhos, sob a forma de um cheque, uma ordem de pagamento, o mais incrédulo entra e compra um bilhete; aos mais escrupulosos ficará até a sensação esquisita de estar cometendo um furto, tão certo lhes parece que o cheque vai atrás do bilhete, e que ele está ali, está na tesouraria do banco. A venda deve ter sido considerável.

De resto, quem é que, de um ou de outro modo, não expõe o seu cheque à porta? O próprio espiritismo, que se ocupa de altos problemas, fez do Sr. Abalo um cheque vivo, e ninguém ali entra sem a certeza de que verá a eternidade, ou definitivamente pela morte, ou provisoriamente pela loucura.¹¹ Os que não têm tal certeza e ficam pasmados do prêmio que lhes cai nas mãos, imitam nisto os que compram bilhetes de loteria para fugir à perseguição dos vendedores, que trepam aos bondes, e os metem à cara da gente.

O inquérito aberto pela polícia, por ocasião de alguns prêmios saídos aos fregueses, é duas vezes inconstitucional: 1º, por atentar contra a liberdade religiosa; 2º, por ofender a

⁹ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 73) diz que talvez seja “erro de revisão esse emprego antiquado de *lhe* em lugar de *lhes*”. Devemos observar, entretanto, que Machado, com certa frequência, usava o singular pelo plural, o que era comum na língua clássica. O emprego do singular sugere que o prêmio havia de sair a um só dos apostadores.

¹⁰ *Os Lusíadas* (IX, 79, 1-2). A famosa passagem da “ilha dos amores” encontra-se nos cantos IX-X. (CAMÕES, 2005, p. 207-264)

¹¹ Machado de Assis não tinha apreço pelo Espiritismo. Na crônica de 27 out. 1895 de “A Semana”, trata do caso de Inês (mulher que aparentemente sofria de perturbações mentais), que morreu enquanto participava de sessão espírita conduzida pelo sr. Manuel de Sousa Abalo, presidente da associação espírita “Deus, Fé e Caridade”. A *Gazeta de Notícias* do dia 28 dez. 1895 (ano XXI, n. 362, p. 1, col. 8) publicou uma notícia da instauração de um inquérito policial para averiguar dois casos de loucura atribuídos a efeitos de sessões espíritas conduzidas pelo sr. Abalo. Para mais informações, consultar nota n. 9, de John Gledson, à crônica de 27 out. 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 261-266, jul.-dez. 2021).

liberdade profissional. Eu, irmão-noviço,¹² posso morrer sem crime de ninguém; é um modo de ir conversar outros espíritos e associar-me a algum que traga justamente a felicidade ao nosso país. Quanto a ti, irmão-professo,¹³ não é claro que tanto podes curar por um sistema como por outro? Quem te impede de comerciar, ensinar piano, legislar, concertar pratos,¹⁴ defender ou acusar em juízo? Se a polícia examina os casos recentes de loucura mais ou menos varrida, produzidos pelas práticas do Sr. Abalo, não ataca só ao Sr. Abalo, mas ao meu cozinheiro também. Acaso é este responsável pelas indigestões que saem dos seus jantares? Que é a demência senão uma indigestão do cérebro?

E acabo *A semana* sem dizer nada daquele cão que salvou o Sr. Estruc, na praia do Flamengo, às cinco horas da manhã. A rigor, tudo está dito, uma vez que se sabe que os cães amam os donos, e o Sr. Estruc era dono deste. Nadava o dono longe da praia, sentiu perder as forças e gritou por socorro. O cão, que estava em terra e não tirava os olhos dele, percebeu a voz e o perigo, meteu-se no mar, chegou ao dono, segurou-o com os dentes e restituiu-o à terra e à vida. Toda a¹⁵ gente ficou abalada com o ato do cão, que uma folha disse ser “exemplo de nobreza”, mas que eu atribuo ao puro sentimento de gratidão e de humanidade. Ao ler a notícia lembrei-me as muitas vezes¹⁶ que tenho visto donos de cães, metidos em bondes, serem seguidos por eles na rua, desde o largo da¹⁷ Carioca até o fim de Botafogo ou das Laranjeiras, e disse comigo: Não haverá homem, que, sabendo andar, acuda aos pobres-diabos que vão botando a alma pela boca fora? Mas ocorreu-me que eles são tão amigos dos senhores, que morderiam a mão dos que quisessem suspender-lhes a carreira, acrescentando que os donos dos cães poderiam ver com maus olhos esse ato de generosidade.



¹² irmão-noviço: Machado grafou a palavra com hífen – que conservamos, por entender que a grafia revela a percepção do autor de que o vocábulo constitui uma unidade sintagmática e semântica.

¹³ Ver nota n. 12.

¹⁴ concertar pratos,] consertar pratos, – em SEM1953. Em nosso entendimento, a palavra “prato”, nesta passagem, designa um “conjunto de ingredientes preparados de determinada maneira”, e não a “peça de louça, metal, etc., em que se serve a comida.” O sentido de “concertar”, então, seria o de “harmonizar”. (Cf. HOUAISS; VILLAR, 2001).

¹⁵ A partir deste ponto, começa o trecho que falta em GN, na segunda coluna da crônica.

¹⁶ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 76) disse tratar-se de possível “erro de revisão esta insólita ausência da preposição *de*, que deve, aqui, reger o verbo *lembrar-se*; será *lembrei-me das*.”

¹⁷ Aqui termina o trecho que falta em GN, na segunda coluna da crônica. A palavra seguinte já vem na terceira coluna da crônica (quarta da página 1 do jornal).



Edmond e Jules de Goncourt, por Paul Gavarni (1804-1866)
FONTE: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Goncourt.jpg>>.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 363, p. 1, 29 dez. 1895. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13333>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. [Edição crítica pela Comissão Machado de Assis.]

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. revista e ampliada. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

SHAKESPEARE, William. *Grandes obras de Shakespeare*. Volume 1: tragédias. Tradução de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.